

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 600	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3,8800	1,6900	5950	5120	25 DE AGOSTO DE 1895	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4,6000	2,5000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5,6000	2,8500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

E, quando não ha mais que fazer, porque não se ha de ir vêr a bella Fatima?

Não sabem? Na feira de Belem, quasi ao fim da feira; uma barraquinha pequena. O que ha de mais barato, um vintem.

Ha um homem á porta encarregado de nos chamar, de nos dizer o que ella é, onde nasceu, d'onde veio, quando parte, o que faz a bella Fatima. Nasceu no Oriente, veio do Oriente, parte para o Oriente, é uma belleza oriental!

— É aproveitar, senhores, é aproveitar? Quem quer vêr a bella Fatima? Um vintem a bella Fatima! Vamos, senhores vamos! Um ovo por um real! É entrar, entrar! A bella Fatima parte amanhã para sua terra!

A terra da bella Fatima!

— Qual é a terra da bella Fatima?

— É o Oriente!

E um homem atrahido pelo convite entra na barraca, uma barraquinha pequena, quasi ao fim da feira. Um vintem, um simples vintem, o preço d'uma queijada, e viu a bella Fatima!

Ha uns oculos á esquerda. A bella Fatima vê-se por um oculo.

— É aqui, diz o homem explicando cerimoniaalmente.

Lá está ella indolentemente reclinada no sofá, dormitando.

Que sonhará ella? Que tragedia a trouxe ali, desde o Oriente, onde nascem as estrellas, até áquelle sofá de reps desbotado?

Pensará em suas irmãs que a essas horas, talvez, ouvem, ao luar, gemer as notas agudas das canções dos ennuchos enquanto as escravas negras baloçam a compasso os leques enormes de plumas de abestruzes, fazendo tilintar docemente, umas contra as outras, as grossas manilhas d'ouro, que lhes trepam pelos braços. Ou pensará que o vizir, arrependido por tel-a deixado partir para tão longe, alegre ao saber que ella voltou a casa de seus paes, montou no seu cavallo branco e vem pela rua tortuosa fazendo seus caracoes, seguido por um sem numero de escravos, com sete bate-dores adeante afastando o povo. Vem pedil-a em casamento. A almatricha a sella, os peitoraes são do mais fino velludo, bordado a fio d'ouro, cravejado de brilhantes, de saphiras, de esmeraldas, de rubins e de amethystas. As ferraduras do cavallo são de prata, os estribos, o freio d'ouro macisso. O grande vizir é mancebo, a sua barba é toda negra, como negros os seus olhos em que brilha o amor.

E ella porque cerra as palpebras e ali se reclinna tão indolentemente? Que sonha? Amor ou saudades? Que sonha ella, dormitando, em quanto no mesmo oculo os pares d'olhos se vão seguindo, fixando a bella Fatima para a vêr dormir!

Que tragedia medonha a trouxe ali desde o Oriente até áquelle sofá de reps desbotado?

Dormita. Tem um sorriso nos labios. O seio ergue-se e abaixa-se n'um socegado arfar. Reclina ligeiramente a cabeça no braço nú e os cabelos negros espalham-se em ondulações sobre a carne muito branca. O outro braço está indolentemente descahido, os dedos quasi tocando o chão. A chinellinha curta vae cahir-lhe do pé.

Dormita sorrindo. Que sonhará ella? Amor ou saudades?

O bulicio da feira, lá fóra, não a desperta de sua continuada somnoencia. Por vezes abre os olhos, fita-os distrahadamente, com um bocadinho de desdem, nos olhos que se fitam nos seus. Torna depois a cerral-os mansamente.

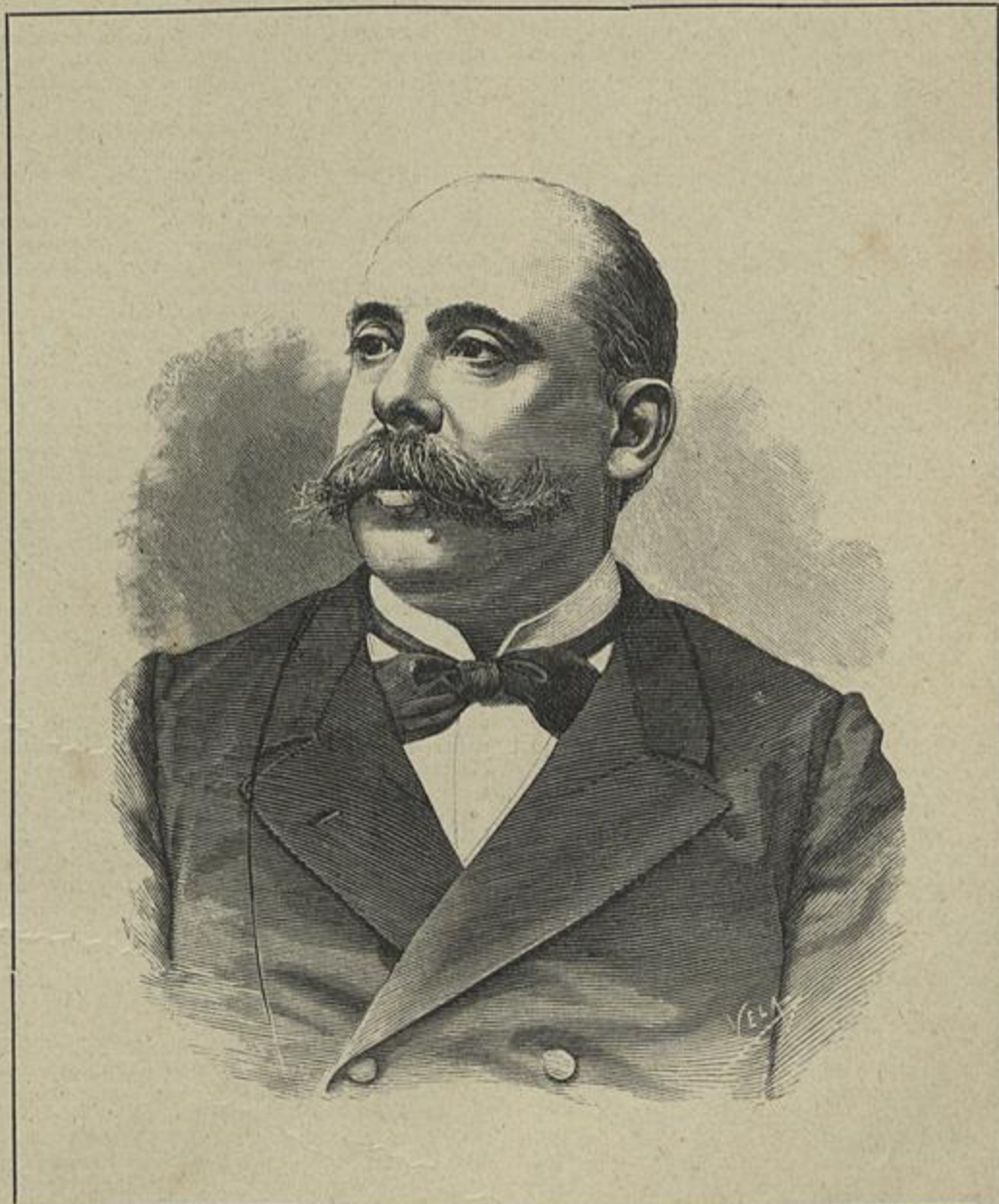
A bella Fatima parte amanhã para a sua terra e ainda antes de chegar quer rever pela imaginação toda a opulencia do seu Oriente, onde nascem as estrellas, onde a bella Fatima nasceu; os jardins esplendidos com sombras enormes de sycomoros floridos, onde as aguas dos riachos deslisam ao cantar dos passaritos; os claustros muito frescos, onde, deitada sobre enxergas cobertas de pannos de Damasco tomava café ás tardes, em quanto o repuxo deixava cahir na bacia de marmore cór

de rosa a agua em gotas iriadas, cantando a compasso dos pensamentos erradios; os minaretes altos, esguios, rendilhados, onde o muezzim em voz alta vem chamar os fieis á oração da manhã, á oração do dia, á oração da tarde; as longas ruas cheias de bazares, onde os commerciantes vendem os tapetes bordados com desenhos preciosos, os estofos que valem o seu peso d'ouro, o aço gravado, a prata lavrada, as pedras preciosas. Foi ali no palacio das huris que ella nasceu, foi no Oriente, onde nascem as estrellas.

Que lhe importa, á bella Fatima o bulicio da feira lá fóra? Nada a desperta de sua continuada somnoencia.

E a bella Fatima a sonhar suggere-nos o sonho. Vamos sonhar.

Que nos importa, a nós tambem, o bulicio da



D. EMILIO CASTELAR — ELEITO SOCIO DA ACADEMIA DE FRANÇA

feira? Queremos recompôr o drama que se lê n'aquelles olhos, saber o que elles pensam, fixal os na memoria até poder adivinhal os. Na turbamulta pensamos n'elles, damos, recebemos encontros; passam junto de nós mulheres bonitas que não vemos, amigos que, não suciamos; não ouvimos os homens que saem das barracas trestando a azeite queimado, cheios de fumo de petroleo e que nos vem tentar com a bella sopa de camarão, as pescadinhas que estão e frigid, as caldeiradas de eiroz, o mexilhão, o bello coelho guizado. Olhamos embasbacados para um que nos diz, cheio de entusiasmo «Ha iscas! Hoje ha iscas!» E até os cornetins, os baixos, os pratos, os zabumbas tocam o hymno da carta com letra da bella Fatima!

É que ha ali um drama, ha forçosamente um drama enorme!

E aberta se-nos o coração com uma piedade immensa pelo vizir. Sim, ali, deve haver um vizir trahido!

Em que pensa a bella Fatima assim recostada indolentemente n'aquelle sofá de reps desbotado?

Pela rua principal, em frente das barracas das queijadas, quinquilherias, de loiça das Caldas, dos ourives, passam ranchos de mulheres de braço dado, officiaes fazendo tilintar as espadas nas pedrinhas miudas do passeio, janotas de chapéus á Mazzantini namorando, senhoras velhas desesperadas que acham que vão sendo horas, meninas que ainda acham cedo, um ou outro sujeito conselheiral, de collete branco, abanando se gravemente com o chapéu de palha e levando pela mão um menino a tocar gaita, fiadistas bebados, soldados de mãos dadas, criadas com crianças ao collo, rapazes a rir, ranchos de familias, correndo para apanhar os americanos que apitam, os piratas que berram, o comboio que vem pela linha fóra, arfando, ateiando ao vento a cabelleira luminosa.

A bella Fatima! A bella Fatima! Como veio desde o oriente parar ali?

Na rua por detraz ha menos luz mas mais barulho. Vamos percorrer a feira. Que nos importa o bulicio?

São as barracas dos pim-pam, puns, dos tiros ao alvo — tres bonecos, um charuto, os bonecos todos um coelho — são os cicloramas, as figuras de cêra, o baile dos pretos. Lá está um todo vestido de encarnado, berrando á porta:

— Entrem, senhores, entrem. É' o hoje o beneficio do meu nobre collega Nuno! Um vintem! E' um vintem!

O Nuno é o mesmo preço da bella Fatima! Que drama!

Um piano de manivella toca horrorosamente a Cadix e por detraz n'um café de camareras, uma voz rouca, alcoolizada, desafinada, miseravel, canta, emquanto todos batem palmas, uma mala-gueña arrastada em que se falla d'amor.

Pim!... Pam!... Pum! Aquelle deitou abaixo os ultimos tres bonecos! Um padre, um policia e uma freira. Ganhou o coelho.

— As pescadinhas estão mesmo a escaldar!

— A ultima! É' a ultima!

A philarmonica toca o hymno da carta, emquanto se ouve a voz fanhosa do D. Custodio, um Titan celebre, berrando na barraquita podre, quasi a cahir: — «Oh! com os diabos!»

E um cheiro de peixe frito espalha-se por toda a atmospheria e sobre toda a feira paira um murmurio confuso e desafinado de vozes, de gritos, de tiros, de cantos, de sons metallicos, de notas de pianos, de rodar de carros.

Uma luz vermelha illumina repentinamente o fundo escuro d'um recanto. E' o espectáculo que terminou. Uma onda de gente invade o caminho por onde vamos.

— Frango guizado, Eiroz com feijão carrapato.

Os ultimos carros vão partir. Ha discussões, berreiros. Camareras, no banco da frente, cantam ainda por dever de officio para esquecer desastres, fiadas n'um proverbio que falha tanto!

Começam as barracas a fechar. Alguns caturras noctivagos conversam sentados nos bancos do largo. Os carros partiram. Um silencio profundo segue-se ao estontendor bulicio de ha pouco. Apenas uma ou outra luz entre as lonas mal fechadas estica no chão negro uma faixa triangular, luzente.

Que importava o bulicio! Que importa agora o silencio?

A cortina da barraca afastou-se. A cabeça d'ella appareceu espreitando. O homem que annunciava o espectáculo estava sentado nos degrãos da escada.

É' ella! Vai falar!

Que irá ella dizer na bella lingua oriental?

A bella Fatima! A bella Fatima!

E ella, com voz muito rouca:

— O coiso, chega ali ao Refilão e traze dois ca-léses.

João da Camara.

D. EMILIO CASTELAR

O conspicuo cidadão hespanhol cujo retrato apresentamos na nossa primeira pagina é D. Emilio Castelar, o notavel orador e politico da Hespanha contemporanea, o qual acaba de ser eleito socio da academia de Franca, substituindo a Cesar Cantú pois que, como aquelle, é tambem um historiador de pulso.

Diz-se, que, como orador, é um verdadeiro artista da eloquencia e que sacrifica o profundo das ideias ás bellezas da forma, porém a riqueza do sentimento, a viva imaginação, a sua palavra entusiasta, ardente, colorida, heia de imagens brilhantes, de admiraveis descripções, de pensamentos sublimes e a facilidade das suas syntheses historicas feitas com requintada arte, sem igual, convertem cada um dos seus discursos em uma obra imperecivel.

Um moderno escriptor hespanhol, disse, que a palavra de Castelar era um echo da liberdade e a voz da Patria.

Curvados pela grandeza da sua eloquencia os proprios adversarios do eminente tribuno applaudem o artista esquecendo o politico.

Nos seus discursos, ninguem ha que não exclame:

Que memoria e que extraordinaria erudição! Que enorme esforço imaginativo para poder compilar tantos factos! Que solidez de raciocinio! Que variedade de recursos, de datas, de provas, de testemunhos!

E como não assim, se o erudito Castelar estuda na Arte, na Historia, na Sciencia e na Religião os dados fundamentaes das suas allegações.

Quando falla ou escreve o seu estylo é luxuoso ainda que severo, tecnico, revestido pelas galas da poesia sem perca da propriedade scientifica. A sua palavra é fluente e tempestuosa, sempre cheia de vehemencia, do mais intimo sentimento e inspiração, de nobre e fidalgos arrancos de coração, de subidos conceitos, de infinito amor. Um verdadeiro poeta!

Os anathemas de justiça, as descripções de prodigiosa viveza, as indicações interessantes, os passos dos textos de feliz oportunidade, as citações das auctoridades reconhecidas, tudo, tudo, borbulha dos seus labios em catadupas de eloquencia.

Os seus discursos concluem sempre tão lyricos, tão cheios de sublimidade, de ardor, que aquelles que o ouvem se deixam subjugar magnetizados pela fascinadora eloquencia do illustre escriptor.

Como politico e homem de governo, Castelar tem sido objecto de entusiasticos elogios e de graves censuras. Sem emittir juizo algum, convem consignar que, no principio da sua carreira defendeu o federalismo e que hoje é partidario acerrimo da unidade politica. Foi por muito tempo um temivel rival dos governos constituídos. Quando o movimento das ideias o poz á frente da politica do seu paiz dirigiu ás potencias uma circular, na qualidade de ministro de Estado, affirmando o character pacifico da Republica e o apoio moral que encontrava no exercito.

Castelar foi um idolo do povo durante a revolução, mas em breve perdeu o prestigio nas massas populares. Todavia, exerce poderosa influencia na politica hespanhola e as suas opiniões são muito lidas na Europa e na America para o que contribue a amizade que o liga aos homens mais eminentes dos varios paizes e a activa correspondencia litteraria que mantem com muitos jornaes estrangeiros.

A sua gloria como professor e como publicista justifica o convite que lhe fez a Universidade de Oxford, ha alguns annos, para que n'aquelle famoso centro scientifico, fizesse algumas lições. Porém modestamente se tem excusado dizendo que lhe é difficil expressar-se em lingua diferente da hespanhola.

D. Emilio Castelar y Ripoll nasceu em Cadiz a 8 de sete bro de 1832. Orphão de pae, aos sete annos de idade, passou parte da sua infancia em El-da (Alicante) e em Aliaga (Aragão). Ali aprendeu as primeiras letras e latinidade, sendo notado dos seus professores pela prodigiosa memoria que possuia. Seguiu a instrucção secundaria desde 1845 a 1848 cursando no Instituto de Alicante onde se distinguio pelos discursos improvisados de que, no acto da abertura das aulas, o encarrega-

vam os professores. A mais querida occupação dos seus primeiros annos foi o estudo da Historia, Litteratura e Philosophia, bem como o estudo dos classicos. Muito novo foi para Madrid estudar jurisprudencia alcançando o grau de professor em 1853.

E' de 1854 que data o seu apparecimento na politica hespanhola. Apóz uma serie enorme de diferentes trabalhos parlamentares, concorreu em 1858 á cadeira de Historia de Hespanha, na Universidade Central, vencendo com grande fama.

Republicano acerrimo pregava essa doutrina, e de uma replica sua demonstrando que um rasgo de generosidade de Isabel II fóra uma farça, se originou as sangrentas lutas que em 10 de abril de 1865 presenciou o reino visinho. D'aqui começou a desenvolver se a revolução de 1866, em que tomou parte activa vendo se forçado a exilar-se por ter sido condemnado á morte.

Voltando a Hespanha, depois da queda de Isabel, Castelar tornou-se o mais famoso campeão da Republica.

Em 11 de fevereiro de 1873 foi eleito presidente da Republica hespanhola e n'esse alto logar manteve as melhores relações com os diversos estados, como acima indicámos.

São numerosas as obras d'este escriptor, as quaes lhe tem valido a sua eleição para socio de muitas corporações scientificas da Hespanha e do estrangeiro.

Eis, terminando estas linhas, uma pequena indicação de algumas dos seus trabalhos:

La Revolución Religiosa; Perples de personajes y bocetos de ideas; Um ano em Paris; El ocaso de la libertad, obra historica e litteraria; *Estudios históricos sobre la Edad Media y otros fragmentos; La civilización en los cinco primeros siglos del cristianismo*, lições feitas no Ateneo de Madrid; *A formula del Progreso; Defensa de la formula del progreso; La cuestión de Oriente; Cuestiones politicas y sociales; Cartas sobre politica europea; Recuerdos y esperanzas; La Redención del esclavo; La hermana de la caridad; Historia de un corazón*; e a segunda parte d'esta obra: — *Recordo: Discursos politicos y literarios; Fra Filippo Lippi; Tragedias de la Historia; El suspiro del Moro; Discurso de recepción en la Academia Espanola y respuesta al sr. Balaguer en la misma corporación sobre literatura catalana; Discursos de la Corona sobre literatura gallega; Recuerdos de Italia; Discurso de Orense sobre regimen colonial europeo; Galeria histórica de mujeres celebres*, etc.

E. P.



AS NOSSAS GRAVURAS

A REGATA INTERNACIONAL

Ampliando a noticia que, no nosso ultimo numero, demos acerca da regata internacional, realisada em 29 de junho passado, apresentamos hoje aos nossos leitores a gravura do yacht Helena, pertencente ao sr. Guilherme de Moura Lane, que ganhou o segundo premio a qual correu armada em cutter, como em geral sempre o seu dono a costuma armar para as regatas. No nosso desenho está representada armando em yawl. Pela descripção abaixo se verá como este graciosos barquinho se portou.

Egualmente illustra esta pagina a canôa *Attila* tambem vencedora e o cutter *Irene*, pequeno yacht, no genero *fin hull keel* modelo americano executado segundo um modelo do amator sr. Chelmicki; e a baheira *Guerrita*.

Embora as regatas constituam, entre nós, um genero de diversão, só cultivado por um resumido grupo, no entanto a regata internacional promovida pela commissão executiva dos festejos e dirigida pela Real Associação Naval, Real Club Naval de Lisboa, e Club dos aspirantes de marinha apresentou-se rasoavelmente concorrida.

Para archivarmos n'este periodico uma pequena noticia da grande regata vamos historial-a rapidamente.

Realisou-se na manhã do dia 29 de junho, correndo todos os barcos desde Pedrouços até á Albufeira.

Em frente de Pedrouços estavam fundeados, além do *India*, do *Victoria*, e do *D. Carlos*, os vapores *Ave*, *Relampago*, *Pescador*, *Voador*, *Operario*, *Gordaria*, *Trafaria*, *Touro*, *Leão Novo*, *Freitas*,

Dragão e muitas fragatas de quasi todas as companhias de vapores, com as suas bandeirolas ostentando o nome respectivo, e myriades de barquinhos, catraios, de recreio, escaleres de navios nacionaes e estrangeiros e a lancha a vapor do conselho do almirantado a cujo bordo estava o sr. capitão de mar e guerra Rio de Carvalho.

Na canhoneira *Rio Vouga* ia El-Rei e os ministros e a officialidade dos navios de guerra, surtos no Tejo; junto d'ella estava o hiate a vapor de recreio *Amélia*.

Era imponente devéras, o espectáculo pois que do mar se viam as praias adjacentes repletas de povo, o que muito animava o quadro. No nosso espelho Tejo todos os navios ostentavam graciosos embandeiramentos.

A corrida de vela dos barcos de 1.^a e 2.^a classe com premios de uma medalha de ouro e réis 1:000.000, offerecido pelo ministerio da marinha, um objecto d'arte do sr. D. Carlos e 400.000 réis e uma medalha de *vermel* offerecida pelo sr. Marquez de Franco, despertou grande interesse. O facto de correr, com a escuna *Lia* do sr. D. Carlos e com o *cutter Aura*, do sr. Marianno Cardoso, *cutter Bébéle* do sr. Marquez H. de Torcy, da praça de Bordeus, foi objecto de grande enthusiasmo para os *sportmen*.

A corrida de 2.^a classe, para *yachts* de 20 até 40 toneladas na distancia de 30 milhas, entre a balisa que estava em Alpalhão e a lagôa de Albufeira, que era disputada pelos barcos *Helena*, *Elsie*, *Halcyon*, *Alvor* e *Mina*, faltando a *Vega* e a *Magnolia*, realiso se ás 10 h. e 10, da manhã, antes da 1.^a corrida annunciada.

O largar d'estes barcos foi um espectáculo magestoso, deixando logo antever pela rapidez da manobra que o *cutter Helena* levava a seu bordo um timoneiro de alto valor, que rondou, em primeiro logar a balisa de Alpalhão, seguida pela *Mina*, *Elsie* e *Halcyon*. O *Alvor* não chegou a rondar a balisa, porque encalhou na praia da Trafaria. Os quatro barcos seguiram rio abaixo sempre com a *Helena* na frente, sendo ainda ella a que rondou em primeiro logar a balisa seguida pela *Mina*, *Elsie* e *Halcyon*.

Meia hora depois, largaram os barcos de 1.^a classe, dos quaes faltou a escuna *Aquila*. A *Bébéle*, que tinha mandado vir de Bordeus o seu panno proprio de corrida, não correu com elle por não ter a «Messagéries Maritimes» accedido a conduzir o, visto que só cabia no convez, onde incomodava os passageiros. Apesar d'isso, o proprietario do barco, com uma gentileza desusada, correu com o seu panno de viagens de longo curso, que só lhe podia dar vantagem em calma ou em vento muito rijo, casos que não succediam.

Depois de uma serie de manobras necessarias para aproveitar a boa linha de vento, em que cada um dos timoneiros, por sua vez, mostrou as suas melhores aptidões, puzeram-se em caminho de Pedrouços, encontrando-se então os barcos das duas corridas e entrando a balisa quasi ao mesmo tempo a *Lia*, a *Aura* e a *Helena*. O panno vinha todo em cima, sendo surpreendente o effeito e parecendo que vinham fazer uma regata entre si. A *Lia* e a *Helena*, que chegaram em primeiro logar, ganharam os premios annunciados que lhes foram conferidos pelo jury.

A corrida de *Yachts* de 3.^a classe, foi ganha pela canôa *Attila*, do sr. Carraça, em competencia com a *Alice*, do sr. Antonio José Ribeiro. A corrida de 4.^a classe foi ganha pelo *cutter Irène* do sr. Carlos Pinto de Carvalho, em competencia com a *Maris* do sr. Bucknall, a *Maria*, do sr. Carrilho e a *Firefly*, do sr. Wilson. A corrida de 5.^a classe foi ganha pela balieira *Guerrita* do sr. Camara, em competencia com a *Adèle*, do sr. Moniz, a *Furia*, do sr. Pereira, a *Safira*, do sr. Costa, a *Pipe en bois*, do sr. Carp, a *Boréas*, do sr. Augusto de Lacerda, e a *Desdemona*, do sr. I. Franco, barco que se estreitou n'esta regata e que foi executado segundo o modelo de José Guerreiro Martins. A primeira ganhou o premio de 270.000 réis e uma medalha de prata; a segunda o premio de 90.000 réis e uma medalha de cobre e a terceira o premio de 60.000 réis e uma medalha tambem de cobre.

As *regatas de remos* eram as que offereciam maior interesse e as que despertavam mais enthusiasmo, não se realisando isto d'esta vez. Das seis corridas annunciadas, apenas se effectuaram duas, entre *outriggers* de 4 remos e guigas de 4 remos de 2.^a classe. A corrida das guigas de 6 remos em que disputava o premio a *D. Luiz 1.^o* e a *Ophelia*, chegou a ter começo, partindo os dois barcos. Logo ás primeiras remadas a *D. Luiz* enrascou-se na *Ophelia*, dando logar a um protesto que fez com que a corrida se não pozesse em effeito.

Das que se effectuaram, ganhou a 1.^a a *Rigel* tripulada por um official da armada, timoneiro Stochier, Almeida, Telles de Vasconcellos, rema-

dores e Vieira da Fonseca, voga, que corria contra a *Sado*, ganhou uma medalha de ouro. A segunda foi ganha pela *Moulogo*, tripulada pelos srs. Lacerda, timoneiro, Saude Amado e Mouton, remadores e Jimenes, voga, contra a *Relampago* e a *Orion*.

A ultima corrida terminou ás 6 horas da tarde. Tendo sido esta uma regata de luxo pena é, que só se dessem premios a barcos de recreio, e outros pertencentes a individuos abastados.

Mais pratico, e mais importante, seria instituir tambem premios para barcos de pescadores o que daria occasião a curiosos despiques com resultados muito mais perduraveis.

UMA LIÇÃO DE MUSICA

A gravura que illustra a nossa quinta pagina é copia de uma pintura de auctor reputado o qual transplantou para sua grande tela um d'aquelles quadros cheios de encanto que offerece a vida intima das familias de sociedade.

Uma lição de musica.

E. na verdade o ensino da musica é uma das prendas mais uteis e delectaveis e assim o comprehendendo aquella senhora que desferindo as cordas de um violão vae acompanhando os soltejos crystallinos d'aquellas duas creanças, talvez seus filhos dilectos ou irmãos queridos.

Em todas as epocas o estudo da musica foi considerado indispensavel á boa educação. Entre os antigos gregos o ensino musical era tão apreciado como os exercicios gymnasticos. Os pythagoricos serviam-se da musica para excitar o coração a sentimentos puros e louvaveis, para o inflamar no amor da virtude julgavam aquelles philosophos, que a alma humana, é, por assim dizer, formada de harmonia, e intendiam restabelecer se a harmonia intellectual, por meio da harmonia dos sentidos. E que essa harmonia do intellecto era a primitiva das faculdades da alma, a qual animava o corpo quando o espirito já vivia nos ceus.

Estas ideias e ainda o reconhecer-se na musica um meio effizaz de gravar no coração do homem a moral e o amor da verdade, fez com que desde cedo os povos mais civilizados se dedicassem ao estudo de arte tão difficil.

Todas estas concepções, todas estas idealizações candidas e encantadoras se podem facilmente explicar:

É natural que a grandeza dos sentimentos e a elevação do pensamento actuassem de modo que o homem buscasse por um conjuncto de sons e accents proporcionados uma linguagem digna e consoante.

Nas primeiras composições, são os rythmos, as melopeias, simples psalmodias, o que apparece. Depois transparece o estudo mais intenso. O que até então era natural vem depois artisticamente composto.

Dos primeiros musicos dá-nos noticia a mythologia. Os deuses só fallam musicalmente. Vem a lyrica corica, e então a poesia conjuga-se com a musica, até que alguns cantos dispensem a letra.

O sentimento musical é innato no homem, como o é a palavra. Por isso se não deve procurar conhecer a origem da musica, nasceu com o homem, nasceu com a natureza. Em tudo ha musica desde o tenue zumbido do infimo insecto até ao trepidar continuado da grande locomotiva.

O canto não teve inventor. Os instrumentos musicos, esses sim. A flauta pastoril, tão poetica, perde a sua origem nas eras remotas. Seria um canhão furado pelo qual soprou, ao acaso, o rustico pastor.

Mas o canto, a unisona harmonia, essa ensinou-a quando muito a propria natureza nos gorgeios das avesinhas, no murmuro do vento pelos canaviaes, no perpassar da briza pelas ramarias das arvores. N'esses cantos da natureza, e só ahi, foi que o homem se apercebeu das primeiras ideias das modulações harmonicas, da musica, emfim.

E então o pastor poeta, auxiliado pela rude flauta, começou tocando meigas queixas de amor, brandas e tristes, contra a dureza da sua pastora querida.

E d'esse primitivo instrumento derivaram todos os outros.

Nada, pois, de mais bello na educação infantil do que o ensino da musica, simples, doce como melopeia maternal. Esse rythmo emocioa o coração, brandamente, inofflha um indefinivel bem estar que convida aos bons pensamentos, ás acções nobres.

Os psychologos, os mais refractarios ás emo-

ções physico-psychicas são concordes na influencia da musica.

Ao pararmos deante do quadro de E. Waiker suggeriu-nos estas linhas o gracioso grupo alli retratado, deliciosa occupação de corações bem formados. E é assim desde pequeninos, incipientes, abertos a todas as emoções que se devem sensibilisar, interessar, attrahir aquelles tenros coraçõesinhos á pratica das virtudes. Bem o comprehendem os velhos sabios pedagogos da Allemanha e outras nações avançadas, que não deixam de educar a creança sem lhe ministrarem o ensino da musica, ou a familiarisarem n'a com os cantos choraes, na escola, á hora do recreio, em casa á hora da lição. Nações ha em que o ensino da musica é obrigatorio.

A CORVETA «DUQUE DE PALMELLA»

ESCOLA DE ALUMNOS MARINHEIROS EM FARO

A criação de escolas de alumnos marinheiros, a bordo de navios exclusivamente destinados a esse fim, data entre nós, de 1876, o que, comparado com outras nações, é relativamente recente.

Foi em fevereiro d'esse anno que se determinou o estabelecimento da primeira escola a bordo de um navio surto no Tejo, podendo admittir até 100 alumnos.

Em dezembro do mesmo anno foi promulgado o regulamento, e em janeiro seguinte achava se installada a escola a bordo da corveta *Duque de Palmella*, que já tinha sido apropriada a esse fim.

Decorridos alguns annos, vendo o governo os favoraveis resultados e a affluencia de alumnos que tinha a escola resolveu ampliar e sa instituição. Com este fim promulgou se o decreto de 27 de julho de 1882 no qual se determinou que a escola se estabelecesse a bordo de tres ou mais navios em Lisboa, Porto e S. Miguel e pudessem ser admittidos até 400 alumnos distribuidos porcionalmente por aquelles navios.

Cumprindo parte do decreto acima alludido e achando-se surto no Douro a corveta *Sagres* foi alli installada a segunda escola.

A nossa gravura, inserta a paginas 192 regista a criação recente de uma nova escola em Faro, para onde foi a corveta *Duque de Palmella*. Essa escola decretada na presente dictadura, deve se ao patriotismo do illustre algarvio sr. Ferreira de Almeida, nobre ministro da marinha.

Muito é para applaudir a criação da nova escola, mas muitissimo mais seria se se tivesse cumprido o decreto de 1882 em que se determinava a escola de S. Miguel.

Se o povo algarvio tem dado á historia navegadores notaveis, as ilhas não os tem dado inferiores.

Por isso registando o facto que tanto honra o sr. Ferreira de Almeida, fazemos votos para que se não esqueça a escola de S. Miguel á qual certo não hão de faltar alumnos.

Com a sahida da corveta *Duque de Palmella* para o Algarve ficará servindo de escola, surto no Tejo, a corveta *Estephania*.

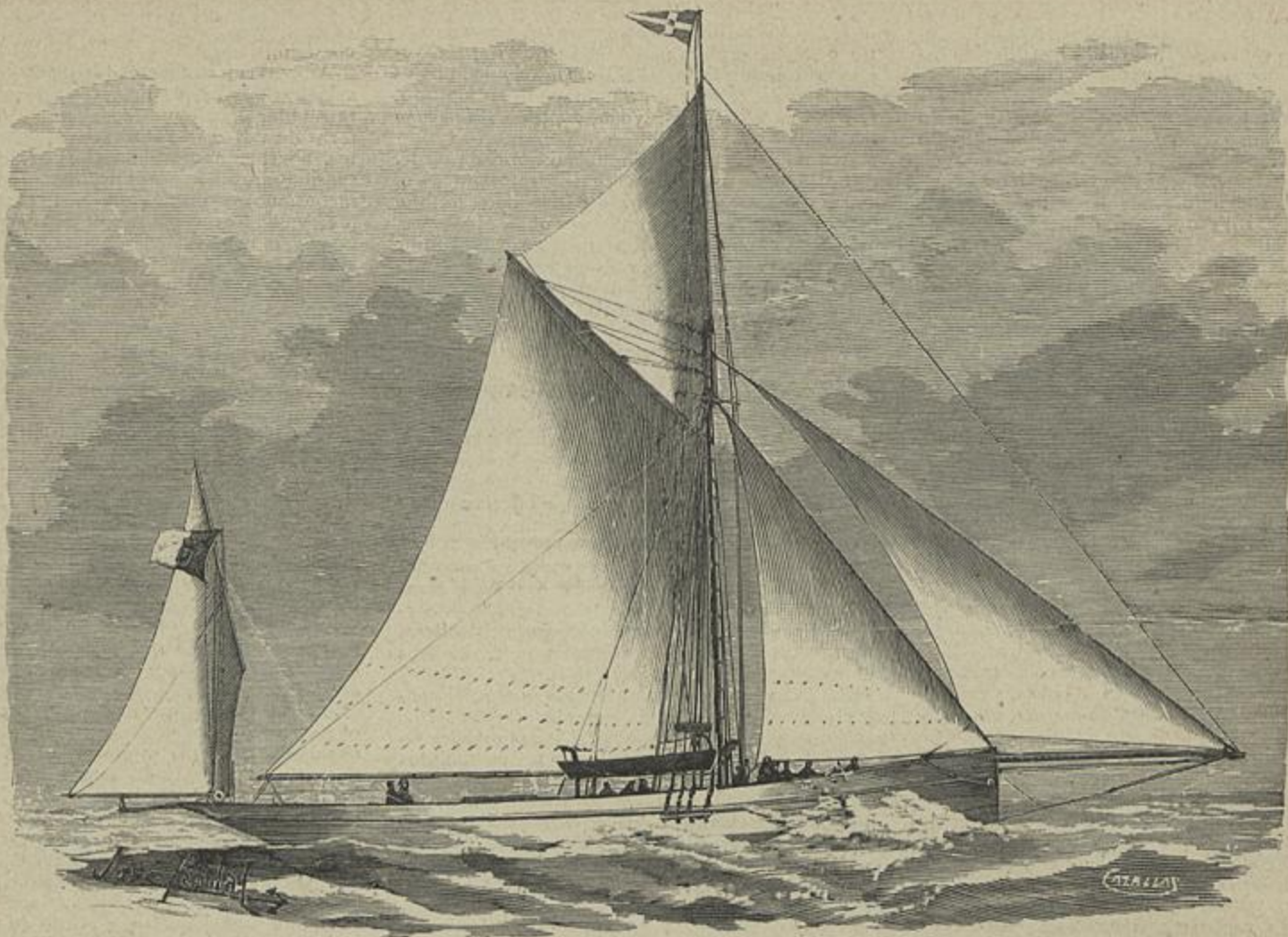
RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

IX

(Continuado do n.º 599)

Era impossivel chegarmos a Cascaes antes da noite e a tempo de ir a bordo; portanto, cortámos por uma estrada á direita, e fomos pernoitar a Cintra, em um hotel á testa do qual estava, n'essa época, uma irlandeza, de cujo nome me não recordo. Jantámos muito bem, e estavam acabando de escorropichar a nossa garratinha, á sobremeza, quando nos appareceu a patroa, a perguntar se acaso não desejaríamos dar uma volta pela povoação, para vêr as luminarias.

A curiosidade, felizmente, poude mais em mim que a indolencia, aliás não teria presenciado um dos mais formosos espectaculos a que assisti na minha vida. Quaesquer que fossem a decepção e o descontentamento causados á nação pela convenção de Cintra, o certo é que, na propria localidade, de tal não havia vestigios. Dir-se hia serem santo e senha a alegria e a hilaridade; affluam, por toda a parte, grupos de ambos os sexos, com seus trajos domingueiros, chalrando e rindo, contentes; os rapazes em magótes, enlaçados os braços por cima dos hombros uns dos outros, toma



YAWL «HELENA» PERTENCENTE AO SR. GUILHERME LANE — 2.º PREMIO



CANÔA «ATTILLA» PERTENCENTE AO SR. JOÃO CARRAÇA
3.º PREMIO



CUTTER «IRÊNE» DO SR. CARLOS PINTO DE CARVALHO
4.º PREMIO



BALIEIRA «GUERRITA» PERTENCENTE AO SR. CAMARA — 5.º PREMIO



A REGATA INTERNACIONAL DE LISBOA REALISADA EM 29 DE JUNHO DE 1895



UMA LIÇÃO DE MUSICA
(Quadro de Eduardo Waiker)

vam as estradas de lado a lado, entoando em côro as cantigas nacionaes. Aqui e acolá, nas encruzilhadas e terreiros, dansas de roda e gente entretida a observar.

E' preciso ter já visto a formosa Cintra para se poder avaliar o effeito de-lumbrante que faria illuminada: — para mim, foi magico! As luminarias nas quintas e palacetes, velados aqui e acolá pela pujante vegetação na qual pareciam encaustados, vinham por vezes reflectir-se nas fragas e rochedos, imprimindo-lhe mil formas fantasticas, e dou-ravam a côrnia de um ou outro pinheiro gigantesco, exaggerando, pelo contraste, a profundidade e o mysterio das immensas e sombrias massas de verdura. A posição accidentada e o variado aspecto das innumerables residencias, as casinhas da villa a branquejar; — de todo este conjunto, mudado, a cada movimento, o aspecto, mercê das trocas voltas e zigzags dos caminhos e ladeiras, resultavam infindos quanto magicos contrastes de luz e sombra.

Cheguei a julgar que fora transportado em sonhos a um paiz de fadas.

Ao outro dia, de manhã, viemos de jornada até Paço d'Arcos, passando por Penha Longa, a encontrar o nosso roncoiro trem de bagagem. Voltamos ao regimento, o qual mudára ja de poiso: marchára para mais perto de Lisboa e estava em *bivouac* nas proximidades do palacio de Queluz, aonde permaneceu até que o exercito francez de todo em todo embarcou, e as nossas tropas receberam ordem para dar entrada na capital. Esplendido e grandioso espectáculo presenciou aquelle dia memoravel.

Marchámos como em triumpho desde Belem até á praça Jo Rocio, no coração da cidade. Dir-se hia que a população em péso viéra formar alas na estrada. As damas portuguezas guarneciam as janellas e balcões dos predios e dos palacios, e saudavam com ruidosos vivas nossa passagem.

Eramos a todo o momento inundados por constante chuva de flores, de ramalhetes e de grinaldas. Salváva sem cessar a artilheria, os sinos das torres repicavam alegres, e as nossas filas, com bandeiras desfaldadas, marchavam em cadencia, ao som das bandas marciaes e dos tambores.

Momentos d'estes fazem esquecer ao militar semanas de privações e de fadigas!

O quartel que nos destinaram era um vasto convento, proximo ao largo do Rocio; e, quando ali demos entrada, desfilava, pela porta trazeira do edificio, um batalhão de hispanhoes, o qual, conjuntamente com outras tropas que estavam ao serviço dos francezes, ia embarcar para Cadiz.

Os soldados, fardados de branco, apresentavam tão bom aspecto e tal garbo militar, que, posto em campo este corpo devia, á primeira vista, illudir, parecendo contar muito maior numero de praças. Assaz limpos de suas pessoas, não lhes tinham, porem, ensinado a cuidar do *arranjo da casa*. Custava a crêr que sêres humanos pudessem habitar em recinto reduzido a tão abominavel estado de immundicie — aquillo só visto! — As praças encarregadas do serviço da limpeza, posto que reforçadas fossem pelos sapadores, tiveram de reclamar o auxilio dos varredôres das ruas da cidade; e só á força de tempo e de trabalho conseguiram pôr semelhante pocilga em condições de aquartellar gente! Em periodo muito posterior, ouvi contar a varios officiaes, que serviram nas costas de Hespanha, casos identicos, que confirmavam a falta de asseio das tropas hispanholas, não só nos acantonamentos, como ainda mesmo a bordo dos vasos de guerra. O convento parecia ter servido anteriormente de quartel a algum regimento francez, a julgar pelas sentenças e conceitos, rabiscados pelas paredes, e nem todos lisonjeiras para o Grande Imperador: — *l'homme de Corse* — *le Nain janne* — *le petit Caporal* — etc. etc. No patim de uma escada, estava, escripta a lapis, a seguinte inscripção, resumindo os predicados do bom soldado a qual transcrevo de outra minha publicação:

*«Le courage d'un lion.
La force d'un cheval
L'appetit d'une souris
Et l'humanité d'une bête».*

Junot, quando marchou a atacar a nossa posição do Vimieiro, deixou na capital uma guarnição de 1200 praças, incluindo grande numero de invalidos. A população, abatida, nem sequer se atreveu a investir com aquelle punhado de gente; porem, mal embarcaram os francezes e assim que os viu pelas costas, a canalha, não temendo já represalias, proclamou guerra de exterminio contra todo e qualquer francez, fosse qual fosse a classe ou profissão. Tinham-se dado já varias tentativas de assassinio e mais algumas se receíam ainda.

Na tarde seguinte á nossa chegada recebi ordem de ir, com o piquete de prevenção que commandava, reforçar a guarda do quartel — transpuzera apenas a porta da casa da guarda, eis que vejo vir, correndo todo e bafurido, um pobre francez, a implorar protecção e, logo atraz d'este, mais dois, acossados de perto por numerosa malta de gentilha. Mandei sahir para a rua guarda e piquete, dei guarida aos perseuidos, e fui tratando de conter em respeito os perseguidores. «*Vivam os ingleses!*» clamava a turba indomita, e protestava em altos brados que queria lhe entregassem os refugiados, pois eram francezes e, como taes, á mercê de sua vingança.

Discutir com semelhante gente, seria tempo perdido; os magôtes, cerrando se, apertavam já de perto os soldados, e vi geitos de se lhe espetarem nas baionetas. Mandei carregar as armas á bala, e intimei os cabeças de motim a recuar, sob pena de o fazerem a tiro de espingarda. A ameaça surtiu effeito: contiveram se e foram dispersando pouco a pouco, e apenas por ali ficaram alguns a pairar, rondando de longe a porta do quartel, esperançados ainda em que viriam a filar a préza, e eu, porem, fiajo em que até á madrugada se lhes iria gastando a paciencia.

Recolhi os francezes no quarto dos officiaes, e offereci-lhes pão e vinho; mas, coitados, era tal o susto, que lhes não consentiu aceitar, e custou-me a saccar d'elles os pormenores da fuga. O que consegui tirar a limpo foi que o que primeiro apparecera era mercador e fixára sua residencia em Lisboa, haveria uns 15 annos. O segundo, barbeiro, viéra na mesma epoca. O terceiro era o unico cuja vinda coincidir com a entrada do exercito francez: — fôra criado de um hotequim, no Rocio. Disse lhes que, ao menos por aquella noite, podiam estar descansados: e que, mal apontasse o dia, os faria escoltar até ao caes, afim de poderem embarcar sem receio. Receberam a proposta com visiveis signaes de gratidão, posto que as circumstancias lhes não permitissem aproveitar se d'ella: dois tinham familia que não podiam deixar ao desamparo e declararam que, se acaso lograssem, sem ser vistos ou presentidos, ir até a uma rua, que ficava perto, encontrariam refugio effizaz em casa de um portuguez, de cuja amizade fiavam tudo. Cerca da hora e meia depois da meia noite, recommendei ás patrulhas que observassem bem se ainda andaria pela rua alguém da sucia, á espreita dos infelizes. Recolheram os soldados ás duas e informáram, que não havia mouro na costa. Atim de não dar nas vistas, eu proprio os acompanhei levando comigo pouca gente, que fui postando de espaço a espaço, pelo caminho, para que dessem alarme; e os pobres dos francezes, com o coração mais pequeno que um caroço de azeitona, viéram seguindo muito cosidos comigo. Prosequimos sem novidade e, ao que parecia, desaparecidos, até que, á esquina de uma travessa, um dos do tercetto, todo encolhido, agachou-se, estendeu muito o pescoço e deitando o luzio, com modo espavorido, para um e outro lado da rua, segredou aos companheiros que *estava varrida a fira*, — e lá se foram esgueirando, a choito, cheios de medo, com a cabeça quasi á altura dos joelhos. Não pude conter o riso em presença de tão burlesca carreira.

Recolhi com a minha gente ao quartel, tomando por outro caminho, afim de lograr qualquer espartalhão que se tivesse deixado ficar á espreita; eis, porém, que, quando mal me precatava, vim cahir no meio de feroz matilha de cães vadios, praga que por então infestava as ruas de Lisboa. A caínçada bravia, vendo se livre da guerra que lhe faziam os francezes, andava á solta, e como quem passeia por sua casa: acho que me tomaram por francez, vista a gana com que desde logo se atiraram todos á minha pessoa. O que me valeu foi que os bichos pareciam ter certo conhecimento instinctivo de ferros afiadados: — mantiveram se a distancia respeitosa da ponta da minha espada.

Postas de parte as muitas razões de queixa que os lisboetas tinham dos francezes, é, todavia, inegavel que estes ultimos contribuiram assaz para melhorar as condições de limpeza da capital. Obrigavam o povo a limpar as ruas; estabeleceram rondas nocturnas e deram cabo de cães vadios, aos centos, — a peor praga da cidade. Insufficiente qual era ainda a policia n'aquella epoca encontrei, comtudo, enorme differença para melhor, desde que, havia doze annos, ali estivera pela primeira vez. Lisboa era, n'esse tempo, não só a mais immunda, como tambem a mais perigosa de todas as capitales da Europa.

As ruas, nem de noite nem de dia eram vigiadas; não tinham illuminação, salvo um ou outro lampadario, pendurado em frente dos nichos da Virgem, e isto muito de espaço a espaço. Todas as noites apparecia gente morta e roubada. Os cães

e a immundicie eram a constante ordem da noite. Já lá iam mais de quarenta annos depois do terremoto, e os estragos eram ainda visiveis por toda a parte; numerosos edificios, em bairros que são hoje os melhores da cidade, estavam incompletos, e as ruas por calçar. Estivemos, n'aquella epoca, hospedados no hotel inglez do Williams em Buenos-Ayres; recolher da cidade para ali, depois de certa hora, a não ser de carruagem, era assaz arriscado. Quem não podia com tanto luxo, via-se na necessidade de se acautellar, tanto á ida para a Opera, como á volta. Caminhando muito chegado ás paredes, corria se dois perigos, o de ser atacado por qualquer faccinora, ou o de apanhar um odorifero banho de chuva, administrado as mais das vezes, sem o previo aviso «*agua rae*». Quem seguia pelo meio da rua arriscava-se a ser atropellado, e mais ainda a ficar atascado até á cintura em lama e immundicie. A gente pobre varria a testada das portas e acogulava a lama em monticulos pelo centro da rua, e para ali ficavam os despojos, até que aprouvesse as carroças da limpeza, — se é que tal coisa existia — removê-los, ou á espera das enxurradas do outono.

Ainda era viva n'essa epoca a rainha velha; estava, porém, em estado de demencia, e posto não lhe consentissem intervir nos negocios do Estado, cediam, comtudo, a quanto capricho ou fantasia lhe passava pela cabeça. Um bello dia, deu-lhe para embirrar com a presença das comicas no palco da Opera italiana, e, para lhe fazerem a vontade foram excluidas da scena as pessoas do sexo amavel, e, como effizazes substitutos, mandado vir da Italia, numero correspondente d' *sopranos machos!* A impressão que faziam aquelles grandissimos estafermos, vestidos de mulher, arrastando saias, ás pernadas pelo palco scenico, não se descreve... aquillo só visto! Um official irlandez do meu regimento, ignorando a especie dos animaes, soltou a tal respeito uma observação algo ingenua, que lhe rendeu uma alcunha, de que não houve ver-se livre por muitos annos.

Retrocedamos porém, ao anno de 1808. Se bem me lembro, já lhes contei que marchara comnosco até á Roliza uma divisão portugueza, e que manobrara em o nosso flanco direito. Officiaes e soldados, durante o fogo, tinham, por prevenção, adoptado atar uma tira de panno branco ou um lenço no braço esquerdo, para que os distinguíssemos dos francezes. Os officiaes, salvo erro, seriam, quando muito, uns quarenta; poucos dias, porém, depois que chegámos a Lisboa, contámos mais de um cento d'elles fardados de novo, e todos com um laço de setim branco no braço, tal qual o das touquinhas dos nênes em dia de baptisado; transformando assim engenhosamente, em distincção honorifica, um expediente adoptado para não serem mortos por engano!

Escusado será dizer que houve grandes regosijos e festejos em Lisboa, para commemorar os ultimos acontecimentos: — procissões, festas de igreja, Te-Deunis, luminarias, foguetorio etc. — Representou se no theatro uma peça nova, em honra do generalissimo; porém os principaes artistas tinham acompanhado o exercito francez, e os que ficaram pouco valiam.

Recorreu-se a todos os divertimentos que a capital podia offerecer, e, quando tudo socegou, a nossa attenção houve de concentrar-se em negocios mais serios: — o exercito, organizado de novo, em brigadas e divisões, recebeu ordem de marchar para Hespanha, sob o commando de Sir John Moore.

Spectator.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 599)

N.º 77. — *Missal*. E' um primoroso manuscrito, do nitidissima letra romana, executado no seculo XVI.

Este *Missal* festivo, tem ao canon uma bella estampa em que se representa, o Christo crucificado, vendo-se ao longe a cidade de Jerusalem.

N'uma das tarjas lê-se: *VERE LANGORES NOSTROS TRISE TULIT*; defrontando com outro em que está escripto: *VULNERATUS EST PROPTER INQUITATES NAS* a que se seguem os emblemas da paixão.

Em uma rica tarja de flores, fructos, aves e insectos, em fundo de ouro, estão inscriptas as palavras da Consagração.

No frontespicio, dentro de uma oval, ha um brazão consistindo n'um escudo esquartelado, tendo no primeiro e quarto quartel as armas portuguezas e no segundo e terceiro o brazão dos Henriques, orlado de castellos de prata em campo de ouro. Por timbre tem uma cruz de ouro sobre um elmo de frente, encimado pelo chapéu prelaticio verde com borlas.

Suppõe-se que estas armas fossem as de algum dos Dom Piores de Santa Cruz.

O illuminador, nas armas dos Henriques, mostrou desconhecer o preceito heraldico de que só se póde pintar metal sobre cor e não metal sobre metal, pois que, indicou uns castellos de prata sobre campo de ouro. Nas iniciaes e outras illuminuras: titulos de pagina coloridos e ornados, esmerou-se o artista. O canto-chão que acompanha as festividades ou officios é escripto em quatro linhas.

O manuscrito apresenta encadernação antiga de carneira vermelha com dourados, cobrindo a madeira das capas que ostentam dois fechos de prata.

N.º 87 — **Horas**, manuscrito em oitavo, de bom pergaminho, copia de escola franceza, feita pelos beneditinos francezes. Na primeira estampa vimos a data de 1423, as suas illuminuras são graciosas, profusas, com muitos assumptos sacros e figuras, vinhetas, tarjas, e treze estampas. As côres são mimosas no seu conjunto, todavia o desenho é grosseiro. Na capa da frente vê-se desenhado a ouro, incuso, o Calvario.

N.º 88. **Biblia Sacra**, codice de letra miudissima, a duas columnas, em formato oitavo, obra do seculo XIII, segundo vimos indicado, dentro da pasta do começo, por mão de S. M. Carlos Alberto.

As illuminuras são muito nitidas, as letras pequeninas apresentam delicadeza no seu desenho. O frontespicio a claro-escuro, é trabalho muito posterior, talvez dos principios do seculo XVII.

Está encadernado em veludo vermelho e ostenta fechos de prata moldada. Este codice e o antecedente são muito curiosos quando admirados como especimens de trabalhos de encadernação, representam mesmo estadios característicos na historia d'esta industria.

N.º 96. **Psalmos**, manuscrito latino em pergaminho, do seculo XIII, encadernado em carneira vermelha com ornatos a ouro. Formato 124^{mm} por 84^{mm}.

É um breviario incompleto. As illuminuras, alem das letras iniciaes, são algumas de pagina inteira. Em muitas das tarjas ornamentadas predominam os animaes e as figuras grotescas.

N.º 97 — **Horas**, codice em oitavo pequeno. Nitido manuscrito semi gothico, em latim, obra do seculo XV. As illuminuras são interessantes e numerosas e tornam este livro de orações muito gracioso.

Pertenceu ultimamente a fr. Luiz Caetano de S. José o qual falleceu sendo procurador da Congregação em 1797. Veio do mosteiro de Tibães para a bibliotheca.

N.º 98 — **Horas latinas**, manuscrito em pergaminho, pequeno formato. As iniciaes illuminadas fracamente accusam ser trabalho do XIV seculo.

N.º 99 — **L'image du monde**, codice membranaeo, um volume em quarto. Contém uma compilação de diversas obras religiosas.

É grosseiro nas suas illuminuras que, todavia, são curiosas para a historia artistica. No folio 89 ha um B inicial, no qual se representa o Padre Eterno sentado n'um throno, segurando com as mãos a cruz em que Jesus está pregado. O fundo é de ouro.

Suppõe-se que esta illuminura, se relacione, ainda que muito de longe, com a maneira archaica de representar a Trindade Divina, porque, em alguns quadros a oleo, da Sé de Braga e do museu municipal do Porto isso se vê, pois que, sobre a cruz está pousada a pomba symbolisadora do Espirito Santo.

No folio 92, verso e folio 93 frente, ha oito quadros, quatro em cada pagina, os quaes representam Deus no paraizo, o peccado, o trabalho e o castigo. Em todos elles transparece factura grosseira.

N.º 100 — **Livro de vespers, matinas, etc.**, Manuscrito em quarto. Tem grande variedade de tarjas, vinhetas e iniciaes, illuminadas e iniciaes ornadas.

N'uma pagina em branco, do fim, está escripto, com letra mais moderna, que foi de fr. Simão do Desterro, missionario apostolico n'estes reinos de Portugal e Algarves.

Abre com uma grande vinheta colorida, representando um abba de cruzio em habito branco e murça preta, deitado, meditando sobre o livro de orações. Está á sombra da cruz, aos lados da qual se vê de um lado o *Agnus-Dei* e do outro um corvo.

Em volta da tarja lê-se: «*Ego autem pro eis rogo ut servet eos a malo*», e superiormente á rubrica:

«*Continetur in hoc libro oraes vespo, matuti, pecessio, alioque ad omniu cultu alimentia.*»

Tem capas de madeira, coberta de brocado vermelho com vestigios de fio de ouro; cantos e

ornatos de prata dourada, consistindo n'um medalhão com o *Agnus Dei* no centro da pasta da frente e na outra um medalhão com um escudo, em que se vêem as cinco chagas e os tres cravos, rodeado pela corôa de espinhos.

Pelas charneiras que ainda restam cravadas, se reconhece que devia ter fechos tambem de prata dourada.

Varios outros manuscritos, existem n'esta bibliotheca e d'elles o catalogo citado dá boa conta. Segui-mol-o, mesmo, pelas rasões já expostas.

(Continúa.)

Esteves Pereira.

UM D. JOÃO DE CASTRO DE CAPA E ESPADA

III

A nova do tragico acontecimento surpreendeu a cidade e a corte na manhã de 8 de dezembro de 1667, dia de Nossa Senhora da Conceição. O povo, conjuntamente com as impressões das festividades religiosas, teve mais este alimento para a sua curiosidade, mais este assumpto para discorrer e imaginar, e devi ser enorme a concorrência ao adro de S. Domingos, onde o crime se commettera, com circumstancias de mysterio, ainda hoje não de todo desvendado.

Este foi caso mais grado, transpôz as fronteiras: pertence aos annos da corte, mas tem fóros para a historia. Era o marquez de Sande, Francisco de Mello e Torres, muito conhecido e estimado na alta sociedade das côrtes estrangeiras: negociara em Londres o casamento da infanta D. Catharina, filha de D. João IV, com Carlos II, de Inglaterra, e em França o de D. Maria Francisca de Saboya com o nosso D. Affonso VI. Se é certo que o illustre diplomata deu boa conta das suas embaixadas, o progresso dos acontecimentos não nos auctorisa a affirmar que estas duas alianças dessem a felicidade aos principes portuguezes, cujos interesses elle representara, e se a elle o accrescentaram no valimento e na hierarchia, tambem lhe ganharam inimigos; que sempre os tem quem tão rapidamente como o marquez ascende ás eminencias sociaes. Ambos os casamentos, contrahidos sob influencias exclusivamente politicas, e ambos consequencias forçadas da nefasta e odiosa dominação hespanhola, foram infelizes, e um d'elles — o da infante D. Catharina — nada popular pelas condições do seu contracto: o espirito nacional não acceptou sem protesto a cessão de Tanger e de Bombaim aos inglezes.

É difficil, a mais de dois seculos de distancia e sem um estudo serio — que não fazemos n'este momento — dizer quaes foram as vaidades offendidas, as ambições malogradas, os interesses feridos, que armaram o braço dos assassinos; se na conjuração entrou o orgulho nacional melindrado; se os filhos e netos dos heroes da Africa e da India tomaram como affronta mortal o tremular da bandeira ingleza nas ameias de Tanger e nas muralhas de Bombaim. Andavam os animos exaltados e divididos, e as paixões, no seu tumultuar, se não nos deixam vêr bem os acontecimentos, os factos passados sob os nossos olhos, ainda são maiores nuvens, a encobrir-nos no preterito os horisontes da historia. Ha, todavia, uma affirmação coeva do crime, e essa accusa o conde de Mesquitella como o seu responsavel.

Estrejava-se com maus auspicios a regencia do infante D. Pedro.

A morte do marquez teve as honras da correspondencia entre o nosso principe regente e o alto e poderoso Luiz XIV de França, não medeiaram muitos dias entre o assassino do diplomata e a communicação da sinistra nova. Com effeito em 10 de dezembro de 1667 D. Pedro escrevia ao seu primo de Versailles nos seguintes termos, narrando-lhe o mysterioso crime:

«No dia 7 do corrente, s'hindo da capella real o marquez de Sande, e indo em uma liteira de D. Francisco de Lima com o mesmo D. Francisco, chegaram a elle dois fidalgos, acompanhados de outras pessoas, com o intento de maltratarem o dito D. Francisco, e parecendo-lhe que davam n'elle, metteram uma estoada no dito marquez, de que logo cahiu, e viveu instantes, de que tive o sentimento que pede o amor que tinha ao dito marquez, seus merecimentos e grandes serviços.

As palavras com que D. Pedro remata esta carta fazem-nos já suspeitar que não se passaram os factos como elle os narra; e aqui se mostra

que não era elle tão atilado, que percebesse o alcance do que dizia. Com effeito, que pensaria Luiz XIV, quando, chegado da missiva do principe portuguez, lêsse isto — e que, para não se julgar que a morte do dito marquez tivera outra causa, lhe pareceu dever dizer-lhe o assim? O mesmo que nós pensamos, e é que não estava alli a verdadeira historia, que elle decerto viu depois a saber pelas informações dos seus representantes officiaes e officiosos na nossa corte.

Teriam enganado o regente, narrando-lhe erradamente os pormenores do homicidio e seria essa conspiração da mentira tão artemadamente tramada que elle nem um vislumbre tivesse da verdade, nem uma suspeita de que o estavam illudindo? Não é possível. Andava a fidalguia da nossa corte por então tão dividida de interesses, tão retalhada de facções e tão agitada pelas ambições de logares, de preeminencias, e de poderio que ao principe, n'este caso, seria muito mais difficil e custoso o ignorar do que o saber, ainda que o não perguntasse.

Eram communs no Portugal e na Lisboa do seculo XVII crimes como o de que fora victima o marquez de Sande; mas a cegueira voluntaria da justiça umas vezes, outras vezes as trevas da noite, deixavam frequentemente escapar desconhecidos e impunes os assassinos. As familias dos mortos, e os seus amigos, desconfiavam d'onde lhes viera o golpe, apontavam-se nomes, mas os dias, os mezes, e os annos delorriam, e era só quando o sol, o nosso brilhante sol, descobria n'alguma viella escusa da velha cidade um cadaver, lardeado de estocadas, que esta *vendetta*, esperada e demorada por tanto tempo, lembrando um caso já esquecido, vinha dizer aos que, por ventura, ainda d'elle se recordavam, quem fora o matador. Porém agora aos sicarios de Sande não lhes podia valer, para ficarem occultos, nem a escuridão da noite, nem a protecção descarada dos magistrados: oppunha-se a isso o nome, a hierarchia, a notoriedade do marquez, personalidade diplomatico então na primeira plana da corte, tão recente era, e tanto na memoria de todos, o casamento que elle negociara na corte de Luiz XIV com D. Maria Francisca de Saboya, princeza da casa real de França, que tão estreitas relações de amizade e de dependencia nianinha com o magnifico e quasi omnipotente Rei-Sol.

É isto explica a promptidão com que o regente de Portugal participou para França o triste successo, o modo porque contou o facto, e a cautella, pouco avisada, a nosso vêr, do fecho da sua narrativa; dando-lhe de barato que o escandalo sanguinolento, e o pouco intervallo que mediou entre o crime e a sua carta ao francez, o trouxessem perturbado a elle e aos seus conselheiros, a ponto de julgarem decente e util forjar uma mentira, que não tardaria que não fosse desmascarada.

Ou entenderiam elles que era aquelle o melhor modo de, a um tempo, darem noticia e satisfação do acontecido, desviando perguntas de mais difficil resposta? A diplomacia recorre a estes expedientes, cujo valor ella muito bem conhece e com que não se illude, mas que ás vezes lhe aproveitam em lances apertados.

E D. João de Castro? Lá vamos. E se caminhamos devagar é porque o caso não é uma pendencia vulgar entre rufiões, useiros de taes proesas.

(Continúa.)

Zacharias d'Aça.

SÉ DE LISBOA

(Continuado do numero anterior)

Eu não sou dos mais creduos; mas tambem não quero ser dos que, por systema, negam credito ás lendas piedosas, com que a historia profana, e a sagrada, se engrinaldam. Muitas tradições veridicas existem, sem documento porque o não podem ter, e que não considero menos respeitaveis, nem menos authenticas.

Acceto pois (quem perde com isso?) a tradição antiquissima, que me diz singelamente: por fins de agosto de 1195, era levado a baptisar n'esta mesma pia, na recente parochia da sé, em dias do bispo D. Soeiro I, o filho pequenino de um fidalgo lisboeta alli vizinho, Martim de Bulhões. Vejo o resumido sequito de parentes e amigos, uns com as suas garnachas talares, outros de loriga e elmo ponteagudo, e todos em traje de gala, com as suas espadas arreadas á franceza e sobrelavradas de

prata ¹. Oíço repicar em festival entusiasmo os sinos roufenhos do campanario. E depois d'isso tudo, leio com maior devoção historica o dystico latino, que em lettras doiradas modernas me está bradando por sobre a porta do baptisterio

HIC SACRIS Lustratus AQUIS ANTONIUS ORBEM
LUCE BEAT, PADUAM CORPORE, MENTE POLUM;

que alguém paraphraseou d'este modo:

Bons visitantes, aqui,
n'esta pia que observaes,
foi Antonio baptisado
nas sacras agoas lustraes.

Grande Antonio a tua fama
todo o mundo ennobreceu;
se Padua possui teu corpo,
tua alma esplende no ceo.

Se o meu leitor é de uns que vibram com enthusiasmo ao tocarem nas boas recordações historicas, lembre-se, agora ao analysar esta nobre pia baptismal, de que tambem n'elle recebeu o baptismo outro Antonio, e quasi tão illustre como aquelle: o immortal jesuita Vieira, o maior brazão do pulpito portuguez. Deu-me essa noticia o dictionario de Barbosa Machado, e aqui a engasto como gemma preciosa.

Como vamos agora por perto da pia baptismal do popularissimo thaumaturgo, fallemos d'elle, que é nosso. É portuguez, e tem enchido de alegrias milhões dos seus bulichosos festeiros ha já seculos. É sympathico a todos. O Vieira, citado ha poucas linhas, dizia d'elle n'um sermão pregado na Bahia, se bem me lembra: *Antonio, com ser um Sancto só, é ao mesmo tempo os Sanctos todos* (E depois, o que tem graça, defende a these, e demonstra a)

O padre ainda podia dizer (elle adivinhava) que o Santo Antonio era o *Diario de Noticias* do Portugal velho. Eu me explico.

Quem perde hoje uma pulseira, um brilhante, uma carteira de notas, ou uma inscripção, que faz? corre ao *Diario de Noticias* e annuncia. Pois no tempo que lá vai não era assim: quem perdia, ia a Sancto Antonio da sé, fallava com o ermitão, ou sachristão, e quasi sempre alli é que recebia o objecto extraviado. Eu me explico ainda melhor.

Havia uma provisão, ou ordem de D. Filipe III ², que obrigava os achadores de quaesquer papeis ou objectos a irem deposital-os nas mãos do ermitão de Sancto Antonio da Sé, e como provelmente iam todos, todos os que perdiam achavam.

Talvez o meu leitor não saiba... (mas reparo eu estou antecipando um pouco de mais, seria melhor ficar isto para o logar proprio; emfim, lá vai) talvez o meu leitor se não recorde, de que foi o paduano-lisbonense o inventor das *Concordancias biblicas*, um dos livros mais uteis e trabalhosos do mundo; pois foi; em 1210.

Como viria a idéa ao hom do franciscano, é que se não sabe; talvez andasse com ella a contas desde menino, quando aqui n'esta mesma sé, cursou estudos. As séas da *obscurantissima* Igreja catholica foram sempre viveiros de saber.

Os mosteiros e as cathedraes — dil-o uma auctoridade, como tal reconhecida, em assumptos de instrucção publica — foram as unicas escolas em que a nação encontrou os primeiros elementos da sua instrucção ¹.

(Continua)

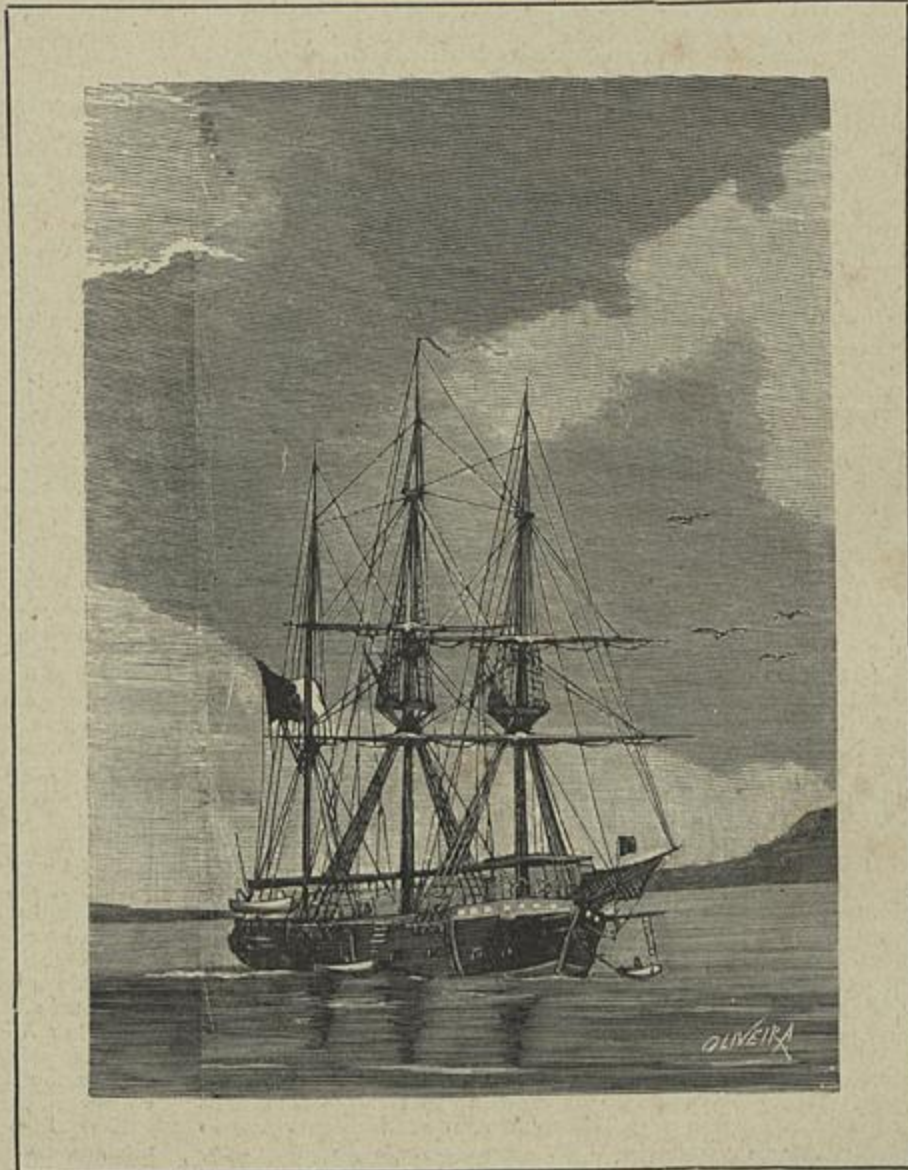
Julio de Castilho.



Recebemos e agradecemos:

Homenagem ao dr. Serzedello Correia Estado do Gram Pará. 16 — Junho de 1895.

Insera este numero de homenagem o retrato do



A CORVETA «DUQUE DE PALMELLA» ESCOLA DE ALUNOS MARINHEIROS EM FARO

illustre brasileiro dr. Serzedello Correia, acompanhado de muitos authographos saudativos, escriptos em varias linguas, semiticas, hamiticas e indo-europeias, como por exemplo: em arabe, ethiophe, hespanhol, portuguez, etc., etc.

Arte Portugueza revista illustrada de archeologia e arte moderna. Maio de 1895 — Anno I N.º 5.

Entre os artigos que esmaltam este numero sobresahe, por ser lindissimo, o intitulado *Ferragens* devido á penna erudita do distincto archeologo portuguez Gabriel Pereira.

Calices Byzantinos é um trabalho agradável, seguro, escripto por D. José Pessanha o incansavel secretario da redacção da *Arte Portugueza*.

Rendas portuguezas é artigo sympathico, emoldurando um formoso desenho de magnifico trabalho da escola de rendas em Lisboa. A auctora

do citado artigo é a Ex.^{ma} S.^a D. Maria Ribeiro Arthur.

Variados são os mais artigos e as illustrações adequadas perfeitamente.

Viagem a um paiz de selvagens por Oscar Leal, Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, 1895.

Esta obra illustrada segundo desenhos do seu auctor é muito curiosa pelas variadissimas noticias que cont. m. E' de leitura agradável e a narração corre facil e interessante.

Eis um livro util e representativo de aturado trabalho.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa. 13.^a serie. N.ºs 10 e 11.

Dos presentes numeros o primeiro conclue a publicação do trabalho de Luciano Cordeiro: *Uma sobrinha do infante.* O segundo numero traz *Descripção e roteiro das possessões portuguezas do continente da Africa e da Asia*, no XVI seculo, annotado e commentado por Gomes de Brito.

E' trabalho que honra o distincto escriptor.

Voz de S. Antonio, publicação bracarense. Revista mensal illustrada.

Esta revista religiosa, é bem redigida, illustrada, e publica artigos valiosos com demonstração de estudo.

Agradaram-n'os *O transformismo em face do dogma e critica á critica*, apertando nós a mão ao auctor do ultimo artigo em que se vergasteia a ignorancia de um critico lisboeta.

Associação Commercial do Porto. Supplemento ao «Relatorio» do anno de 1894. Estatistica. Porto 1895.

Na aridez dos seus numeros este folheto é mais importante e elucidativo do que outros trabalhos em grossos volumes de larga explanação.

Como elemento de estudo economico é aprehtabilissimo pois nos dá a comparação do movimento commercial do Porto em 1894 com os annos anteriores.

Boletim da propriedade industrial. Publicação official da repartição da Industria 2.^a serie; 12. Anno, N.º 1 e 2. Directores: Joaquim Tello e Oliveira Guimarães.

E' publicação interessante; imprescindivel aos industriaes e commerciantes productores.

Bem dirigida, curiosa, torna-se necessaria a quem se quizer inteirar do progresso industrial, dos novos inventos, das marcas de fabricas registadas e de outros assumptos correlativos, como jurisprudencia industrial, sua legislação, etc., etc.

Relatorio dos actos da direcção da associação dos jornalistas e homens de letras do Porto.

O presente relatorio é redigido pelo sr. Firmino Pereira. Entre outros factos importantes aventa a ideia da celebração do 4.^o centenario da descoberta do Brazil, em 1900.

Almanach illustrado do «OCCIDENTE» para 1895

Está no prélo este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

Recebem se annuncios, charadas etc. para este almanach até o dia 30 do corrente.

Empreza do «OCCIDENTE»

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 37

¹ Assim traduzo *una spata cum arriaces franciscos superlavatos argento*, de que nos falla uma donação de um tal Failla Sessandiz em 1078. Perdão para o anachronismo, se o ha

² Certorio da camara municipal de Lisboa, L. I d'el-rei D. Filipe III, fl. 121.

¹ D. Antonio da Costa. *Historia da instrucção Popular em Portugal*, pag. 14.